



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Artur Pizolati Cardoso Pina

**O pensamento de Albert Hirschman: Características distintivas ilustradas por  
alguns de seus conceitos**

Florianópolis

2024

Artur Pizolati Cardoso Pina

**O pensamento de Albert Hirschman: Características distintivas ilustradas por alguns de seus conceitos**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Ricardo Virgilino da Silva, Dr.

Florianópolis

2024

Pina, Artur Pizolati Cardoso

O pensamento de Albert Hirschman: Características  
distintivas ilustradas por alguns de seus conceitos /  
Artur Pizolati Cardoso Pina ; orientador, Ricardo  
Virgilino da Silva, 2024.

39 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências  
Sociais, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Hirschman. 3. Heterodoxia. 4.  
Possibilismo. 5. Auto-subversão. I. da Silva, Ricardo  
Virgilino . II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Artur Pizolati Cardoso Pina

**O pensamento de Albert Hirschman: Características distintivas ilustradas por alguns de seus conceitos**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Cientista Social e aprovado em sua forma final pelo Curso de Bacharel em Ciências Sociais.

Florianópolis, 15 de outubro de 2024.



Coordenação do Curso

**Banca examinadora**



Prof. Ricardo Virgilino da Silva, Dr.

Orientador



Prof. Tiago Losso, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Marcos Valente, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2024.

## RESUMO

Este trabalho investiga algumas características marcantes do pensamento de Albert O. Hirschman, como o possibilismo, a heterodoxia e a auto-subversão exemplificando-as com alguns de seus conceitos. A metodologia utilizada envolve uma análise qualitativa de sua obra, apoiando-se em fontes relevantes para ilustrar como essas características se manifestam em suas contribuições nas áreas de economia, ciência política e teoria democrática. As discussões enfatizam a originalidade e a criatividade de Hirschman na interseção de diversas disciplinas, evidenciando a relevância de suas ideias para o debate contemporâneo em sociedades democráticas de mercado. Os resultados sugerem que os conceitos de Hirschman podem servir como um guia para a convivência democrática, abordando conflitos e dinâmicas sociais atuais. O trabalho conclui que a obra de Hirschman possui implicações práticas significativas e que suas ideias podem influenciar de forma benéfica o entendimento das interações sociais e políticas.

**Palavras-chave:** Hirschman, possibilismo, heterodoxia, auto-subversão, democracia.

## ABSTRACT

This work investigates some striking characteristics of Albert O. Hirschman's thought, such as possibilism, heterodoxy and self-subversion, exemplifying them with some of his concepts. The methodology used involves a qualitative analysis of his work, relying on relevant sources to illustrate how these characteristics manifest themselves in his contributions in the areas of economics, political science and democratic theory. The discussions emphasize Hirschman's originality and creativity at the intersection of several disciplines, highlighting the relevance of his ideas for contemporary debate in democratic market societies. The results suggest that Hirschman's concepts can serve as a guide for democratic coexistence, addressing current conflicts and social dynamics. The work concludes that Hirschman's work has significant practical implications and that his ideas can beneficially influence the understanding of social and political interactions.

**Keywords:** Hirschman, possibilism, heterodoxy, self-subversion, democracy

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>POSSIBILISMO</b> .....	<b>11</b>
2.1	DEFININDO A PALAVRA-CHAVE: POSSIBILISMO .....	11
2.2	IDEIAS RELACIONADAS AO POSSIBILISMO: FRACASSOMANIA .....	14
2.3	IDEIAS RELACIONADAS AO POSSIBILISMO: RACIONALIDADES OCULTAS .....	15
<b>3</b>	<b>HETERODOXIA</b> .....	<b>21</b>
3.1	DEFININDO A PALAVRA-CHAVE: HETERODOXIA .....	21
3.2	IDEIAS RELACIONADAS A HETERODOXIA: EFEITOS PRETENDIDOS E NÃO REALIZADOS.....	22
3.3	IDEIAS RELACIONADAS A HETERODOXIA: CONTRA IDEIAS PEREMPTÓRIAS.....	25
<b>4</b>	<b>AUTO-SUBVERSÃO</b> .....	<b>28</b>
4.1	DEFININDO AS PALAVRAS-CHAVE: AUTO-SUBVERSÃO .....	28
4.2	IDEIAS RELACIONADAS A AUTO-SUBVERSÃO: COMÉRCIO EXTERIOR.....	29
4.3	IDEIAS RELACIONADAS A AUTO-SUBVERSÃO: A RETÓRICA DA INTRANSIGÊNCIA.....	31
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nascido em Berlim no ano de 1915 em uma família de classe média de origem judaica, muito bem assimilada, Albert O. Hirschman teve uma longa e florescente vida. Sua morte aos 97 anos, nos Estados Unidos, foi sentida por seus muitos filhos e netos, cujos relatos apontam um avô jovial e fraterno, que adorava fazer caminhadas pelas montanhas e sempre estava a pensar e discutir conceitos até seus últimos anos.

Sua juventude em Berlim foi cômoda e sóbria, sempre envolto por grandes romancistas como Thomas Mann, Tolstoi e Dostoievski. E depois Marx, Nietzsche e a entrada na juventude socialista do partido social-democrata alemão. A situação muda radicalmente a partir do incêndio do Reichstag e o endurecimento do regime nacional socialista. Parte então para Paris, em 1933, onde passa a dar aulas de alemão e frequentar a *École des Hautes Études Commerciales*, onde estudava economia, finanças, administração e contabilidade. Em 1935 consegue uma bolsa na London School of Economics, onde tem contato com o debate entre keynesianos e antikeynesianos.

Em 1936 vai para Espanha, em plena guerra civil, onde alistou-se em uma brigada composta por estrangeiros que iam para o front combater as forças de Franco, mas decidiu não ir para Madri, pois percebeu que aquelas brigadas estavam completamente dominadas por comunistas que praticavam todo tipo de crueldade, contra seus próprios aliados, a mando de Stalin. Vai então para Trieste, onde finalmente termina seu doutorado em economia. Entretanto, logo deixou a Itália por causa das leis raciais estabelecidas pelo regime fascista em 1938.

De volta a França, alista-se como voluntário no exército francês pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Consegue um passaporte francês grafado Albert Hermant, por causa do risco de cair nas mãos dos soldados alemães e ser considerado um traidor. Após a desintegração de sua unidade, foge para Marselha onde encontra Varian Fry, enviado por um comitê americano para tirar refugiados antifascistas e antinazistas da França. Hirschman o auxiliou por seis meses no *Emergency Rescue Committee* antes de finalmente emigrar para os Estados Unidos, em 1941. Em 1943 alistou-se no exército americano e foi mandado para o front africano em uma unidade de contra-espionagem. E após a rendição alemã ainda foi tradutor no processo movido contra um general nazista.

Com o fim da guerra, Hirschman volta à América do Norte e é chamado, em 1946, para uma função no *Federal Reserve Board*, onde trabalhou com as equipes que formularam a reconstrução da Europa no Plano Marshall. Depois de seis anos em Washington muda-se com toda a família, mulher e duas filhas para Colômbia, onde abriu um escritório de consultoria econômica. Sua bagagem no tema do desenvolvimento econômico, a passagem pelo Plano Marshall e a atual experiência na América Latina foram expostos em uma conferência organizada pelo *Massachusetts Institute of Technology*. A repercussão produziu um convite para passar dois anos em Yale, o que resultou em seu retorno aos Estados Unidos em 1956. Após passagens por Columbia e Harvard, em 1974, entra para o *Institute for Advanced Study* de Princeton. E aqui é interessante alongar-se sobre a história desse instituto, pois possibilitará um gancho entre as características do pensamento de Hirschman e a proposta deste trabalho.

Como Clifford Geertz nos conta no artigo *School Building: a Retrospective Preface* em 1966, Carl Kaysen, um economista de Harvard, assume o *Institute* após a aposentadoria de Robert Oppenheimer com a ideia de organizar um esforço para criação de uma ala para ciências sociais. Sua intenção era criar um centro para humanidades com duas partes, a primeira focada no movimento da New Social History, cuja influência era palpável tanto na França com Braudel, como na Inglaterra com E. P. Thompson. A segunda parte, que não foi possível financiar, seria para ciências cognitivas. Geertz, na época professor de antropologia em Chicago, é o primeiro a ser chamado para integrar o corpo de pensadores dessa nova ala. Porém em 1970, após a saída de Kaysen, acaba por se tornar o responsável pela criação da nova escola.

O trabalho acadêmico de Geertz é conhecido por propor uma linha de matriz weberiana para a antropologia, seu livro *A Interpretação das Culturas* talvez seja o mais conhecido da sua antropologia simbólica. Suas áreas de conhecimento eram desenvolvimento político, antropologia simbólica, e comparação cultural, e não exatamente conectadas a essa nova escola histórica. Por causa disso sua proposta para o desenvolvimento do *Institute* acaba sendo diferente e mais genérica. A escolha dos cientistas sociais, agora sob a batuta de Geertz, tinha mais a ver com a tentativa de criar uma alternativa ao positivismo presente nas metodologias mais aceitas nas ciências sociais de cunho estruturalista e funcionalista, na Europa, e de caráter estritamente analítico nos EUA. Grosso modo, o que essa nova escola se propõe em

linhas metodológicas era “...to break away somehow from the prevailing paradigms in social sciences, poor imitations, mostly, of misunderstood physics, and to adapt those sciences to the immediate peculiarities of their supposed subject matter: the human way to being in the world. The aim was and (reworked, revised, reconsidered, and reasserted) still is, not just to measure, correlate, systematize, and settle, but to formulate, clarify, appraise, and understand”.

A montagem do corpo acadêmico era propositalmente heterogênea com relação às áreas de conhecimento e a origem geográfica, e não se buscava criar ou fortalecer alguma escola específica de pensamento, mas antes acomodar diversas escolas, era preciso antes uma “atitude” que um programa (estabelecido): “As ‘interpretivists,’ self-declared and self-understood, we were interested in work that reached beyond the narrowed confines of a fixed and schematized ‘scientific method,’... We were interested in empirical work, conceptually informed, not (or not particularly) in methodology, system building, punditry, or policy formation. And we were interested in careful, at least reasonably dispassionate argument, not in ideological ax grinding”.<sup>1</sup>

É claro que muito da obra de Hirschman já estava estabelecida antes da entrada dele no *Institute* em 1974, e o *Institute* também era bem mais velho, foi criado em 1930. Porém é ilustrativo que Hirschman tenha sido o segundo acadêmico a entrar nessa nova ala do *Institute*. “Formular, esclarecer, avaliar e entender” são formas muito comuns no pensamento de Hirschman, como tentarei evidenciar mais adiante nesse trabalho, e o ambiente do *Institute* era apropriado para isso. Uma reunião de acadêmicos, 478 durante os anos de 1970 a 1995, com larga bagagem, que viriam com a proposta básica de escrever, discutir e criticar, com obrigações limitadas a fornecer seminários à comunidade acadêmica sobre os temas estudados. O livro *As paixões e os Interesses* é o primeiro fruto do trabalho de Hirschman nesse período e um ótimo exemplo da mescla de diferentes disciplinas do conhecimento conectadas para a interpretação das ideias políticas e socioeconômicas de um período histórico.

Objetivamente a ideia desse trabalho é apresentar algumas características marcantes do pensamento de Hirschman, exemplificando-as com conceitos retirados de sua obra. Essa ideia não é original, está baseada em um livro entrevista chamado

---

<sup>1</sup>Geertz, Clifford. *School Building: A Retrospective Preface*. *Schools of Thought: Twenty-Five Years of Interpretive Social Science* - Princeton University Press, 2001, pp. 4-5.

*A moral secreta do economista*, onde Hirschman e sua entrevistadora se utilizam de palavras-chave ou características marcantes para analisar a vida e a obra dele. Outro trabalho que faz um exercício parecido com o que esse trabalho se propõe e que também serve como fonte de inspiração é um artigo de Philipp Lepenies<sup>2</sup>, que aborda o tema do possibilismo enquanto narra passagens da vida e da obra de Hirschman.

As características típicas do pensamento de Hirschman elencadas como focos neste trabalho são *possibilismo*, *heterodoxia* e *auto-subversão*. Elas foram escolhidas visando revelar a originalidade e a criatividade com que Hirschman produz conceitos e aborda assuntos de variadas disciplinas como economia, ciência e teoria política, teoria democrática e assuntos afeitos à psicologia e à moral. Além disso, essas ideias me parecem benéficas ao debate em sociedades democráticas de mercado e poderiam estar contidas em um manual de convívio e/ou sobrevivência democrática, pois todas se propõem a lidar com os conflitos específicos desse tipo de sociedade.

Todas as epígrafes que iniciam os capítulos são escolhidas livremente, porém carregam sempre uma relação com a personalidade e com a obra de Hirschman, algumas são de autores que ele afirma terem sido importantes para sua formação e outras apenas refletem sua vida e sua obra.

---

<sup>2</sup> Possibilism: An Approach to Problem-Solving Derived from the Life and Work of Albert O. Hirschman - Development and Change, vol. 39, no 3, Institute of Social Studies, 2008, pp. 437-459.

## 2 POSSIBILISMO

O povo judeu exerceu a função de nômade que cria riquezas para o sedentário. Foi assim que ele cumpriu seu papel de “reparador do mundo”. Também sua identidade se construiu nesse nomadismo forçado: seu nome é viagem; sua vida é movimento; sua nostalgia é sedentária. A hospitalidade e o enriquecimento de seus anfitriões são as condições de sua sobrevivência (...) Mais precisamente, os judeus asseguraram há quase três mil anos os três serviços essenciais prestados pelos viajantes: descobrir, ligar, inovar.<sup>3</sup>

### 2.1 DEFININDO A PALAVRA-CHAVE: POSSIBILISMO

Em uma passagem autobiográfica de *A moral Secreta do Economista* – livro que relata uma entrevista feita em 1993 – Hirschman nos conta sobre uma vez, quando muito jovem, em que perguntou ao pai qual seria sua *Weltanschauung* (visão-de-mundo) e ficou surpreso com a resposta: ele não tinha uma<sup>4</sup>. Não é possível dizer o mesmo do jovem Hirschman, que foi, na adolescência, militante do partido social-democrata alemão e com convicções bem mais claras que a de seu pai, porém é possível que tal resposta tenha tido efeitos no Hirschman maduro. Noutra resposta, algumas páginas depois, perguntado sobre a ética política na obra de Marx, responde: “Em geral, eu nunca tive interesse pela ética. Eu quero entender de que modo as coisas acontecem, como se deu a mudança”. Penso que a memória paterna e essa resposta já colocam uma questão importante. Hirschman é um pensador com uma orientação prática, e mais que isso, um cientista social que primeiro compreende o problema, produzindo juízos analíticos e procurando soluções com o material que se tem a mão - a moralidade e a ideologia que envolvem o problema são de certa forma dados a priori, localmente e apesar das preferências do autor. E depois, após compreender, de fato, do que se trata o problema, resta adaptar as soluções possíveis dentro de um quadro concreto. Citando Bianchi “a preocupação com a relevância política levou Hirschman a construir sua teoria econômica em duas frentes simultâneas: uma teórica, que implicava construir uma teoria para explicar o subdesenvolvimento, e uma prática, que envolvia a discussão de um conjunto de recomendações políticas para enfrentá-lo”<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Attali, Jacques - Os judeus, o dinheiro e o mundo. São Paulo: Futura, 2003.

<sup>4</sup> Hirschman, Albert - A moral secreta do economista. São Paulo: Fundação editora da Unesp. 1997, p. 24.

<sup>5</sup> Bianchi, Ana Maria - Albert Hirschman na América Latina e sua trilogia sobre desenvolvimento econômico. Economia e Sociedade, Campinas, v. 16, n. 2 (30), p. 131-150, ago. 2007, p. 146.

Evidente que quando se busca uma solução para um problema é preciso estabelecer uma ideia de bem, um objetivo para que se possa direcionar a mudança, o que é importante destacar é que os ideais de bem são apreendidos situacionalmente, não se pretende uma reforma absoluta dos parâmetros antes de começar a agir: “(sempre nutri) uma antipatia pelos diagnósticos uniformes demais e unilaterais. Sempre tive certa aversão pelos princípios gerais e pelas prescrições abstratas”<sup>6</sup>. E mesmo quando dilemas mais complexos surgem, por exemplo, um conflito entre modernidade e tradição, o cientista social não é visto como o promotor da mudança e sim como um técnico que auxilia ao esclarecer o processo que provavelmente já acontecia previamente e apesar dele.

Frente a crítica de que sua busca por racionalidades ocultas, pensadas aqui *adaptativas*, não o tornaria cego a necessidade de mudanças mais profundas em sociedades onde o crescimento econômico era “obstaculizado por instituições e atitudes arcaicas, tanto quanto por privilégios exorbitantes”. Sendo assim uma “apologia à ordem”, ele responde que esse perigo não o inquietava, pois os processos de crescimento e mudança já estariam em curso, e o seu papel era de apontar o que passava despercebido aos atores imediatamente envolvidos, “desse modo, tentei distinguir as forças do progresso, tanto econômicas quanto políticas, que mereciam ser reconhecidas e ajudadas”<sup>7</sup>.

Ilustro essas passagens pois neste capítulo abordarei uma característica importante para entender a mentalidade de Hirschman frente aos problemas políticos e econômicos imediatos, e penso que esse detalhe sobre a falta de convicções absolutas, que ele relata como sendo a atitude de seu pai no trecho citado acima, está contido nessa forma de abordagem dos problemas sociais que é o *Possibilismo*. Perguntado na mesma entrevista, ele responde:

O “possibilismo” veio-me em mente durante a redação da introdução ao livro *A Bias for Hope*. Sempre fui contrário às metodologias de alguns cientistas sociais, sociólogos em particular, que olham para aquilo que acontece em cinquenta países e dessa observação querem deduzir conclusões sobre aquilo que mais provavelmente acontecerá no futuro, para depois, talvez, se encontrarem sem instrumentos de interpretação diante das “importantes exceções”, como a de Hitler na Alemanha. É por isso que eu sempre tive antipatia por certas orientações da pesquisa social. **Estive sempre mais interessado na ampliação da área do possível, daquilo que pode ocorrer,**

<sup>6</sup> Hirschman, Albert - A moral secreta do economista. São Paulo: Fundação editora da Unesp. 1997, p. 62.

<sup>7</sup> Hirschman, Albert - A economia como ciência moral e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 91.

do que na previsão com base em raciocínios estatísticos, daquilo que é provável que se verifique[...] Interessa-me, antes, descobrir a possibilidade de que algumas coisas, boas ou terríveis, se verifiquem. De fato - esse é meu modo de pensar -, sempre achei que, quando alguma coisa boa acontece, trata-se sempre de uma conjunção de circunstâncias extraordinárias.<sup>8</sup> (grifo meu)

Chamo o possibilismo de *característica* pelo caráter plural dessa ideia. Hirschman na citação anterior contrapõe sua metodologia à metodologia “de alguns cientistas sociais” que buscavam descobrir e analisar regularidades perdendo de vista detalhes fundamentais sobre fatos também relevantes, que não formavam necessariamente alguma regularidade: “in social science there is a special room for the opposite type of endeavor: to underline the multiplicity and creative disorder of the human adventure, to bring out the uniqueness of certain occurrence, and to perceive an entirely new way of turning a historical corner”<sup>9</sup>. Lepenies (2009) afirma que o possibilismo “não (é) apenas característico dos textos de Hirschman sobre desenvolvimento ou sobre a América do Sul, mas também seu método científico geral subjacente. Uma definição dessa abordagem ampliada do possibilismo exige a identificação dos *leitmotiven* que moldaram tanto a vida como a obra de Albert Hirschman. São estes a auto-subversão, a transgressão e a ausência de *Weltanschauung*. O possibilismo resultou dessas três características”. Auto-subversão por rever clara e sistematicamente suas próprias ideias quando confrontado com novas evidências empíricas contrárias. Transgressão, pois, sua vida e suas obras são produtos do ato de cruzar fronteiras disciplinares, ideológicas, políticas, linguísticas e culturais, disposição que será analisada em capítulo posterior. E a ausência de uma *Weltanschauung* que possibilita um olhar mais amplo às realidades variadas de vida e suas contingências.

A normatividade que deriva do possibilismo é explicitada por Hirschman em *Political Economics and Possibilism*, introdução de *A Bias for Hope*, livro que reúne vários artigos do autor. Ele deixa claro nessa introdução que combate em duas frentes ao mesmo tempo se posicionando no meio e separadamente, dos “realistas” por um lado, que se limitam ao campo do provável e das mudanças incrementais, e dos revolucionários e utópicos por outro, que propõe mudanças que não podem ser adotadas sem uma mudança política total: “in making my proposals... I feel an

---

<sup>8</sup> Hirschman, Albert - A moral secreta do economista. São Paulo: Fundação editora da Unesp. 1997, p. 73.

<sup>9</sup> Hirschman, Albert - A Bias for Hope. New Haven and London: Yale University Press. 1971, p.27.

obligation to make them in concrete institutional detail thereby deliberately creating the optical illusion that they could possibly be adopted tomorrow by men of good will”.<sup>10</sup> O próximo subcapítulo deixará mais visível a vontade do autor de produzir um pensamento social que empurra os obstáculos, alargando a possibilidade de mudanças, mas atento aos detalhes das circunstâncias locais e concretas.

## 2.2 IDEIAS RELACIONADAS AO POSSIBILISMO: FRACASSOMANIA

Cito dois conceitos cunhados por Hirschman que podem ser associados ao *possibilismo* para exemplificar essa característica do seu pensamento. O primeiro é *fracassomania* e se trata de um sentimento de desânimo e insegurança exagerados manifestados por elites políticas de países subdesenvolvidos. Hirschman atuou como consultor econômico para o desenvolvimento na Colômbia e teve passagens pelo Brasil e pelo Chile, onde, quando pedido para escrever sobre os obstáculos à mudança – fundamentalmente sobre a estrutura agrária – pensou “não escreverei sobre os obstáculos à mudança, mas sobre os obstáculos à percepção dela”<sup>11</sup>.

O que se constatou nesses países foi esse tipo de pessimismo congênito, que levava os agentes econômicos e de políticas públicas a constantemente avaliarem como impossível qualquer mudança e mesmo subdimensionado as mudanças que já haviam conseguido colocar em movimento. “O termo indica, mais do que qualquer outra coisa, o desconhecimento da bagagem de experiências herdadas do passado.

É a convicção de que tudo o que foi feito se transformou em fracasso, em derrota”<sup>12</sup>. Existe, por parte dos locais, uma atitude auto denegridora<sup>13</sup>, “o fato de que os latino-americanos tenham o hábito de formular condenações gerais de suas realidades os tornava incapazes de extrair lições de sua própria experiência”<sup>14</sup>, ignorando assim os aprendizados possíveis na experiência concreta, inclusive naquelas fracassadas, afinal negar o erro é a primeira e fundamental atitude para não

---

<sup>10</sup> Hirschman, Albert - A Bias for Hope. New Haven and London: Yale University Press. 1971, p.28.

<sup>11</sup> Hirschman, Albert - A moral secreta do economista. São Paulo: Fundação editora da Unesp. 1997, p. 61.

<sup>12</sup> Hirschman, Albert - A moral secreta do economista. São Paulo: Fundação editora da Unesp. 1997, p. 81.

<sup>13</sup> Hirschman, Albert - A economia como ciência moral e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 90.

<sup>14</sup> Hirschman, Albert - A economia como ciência moral e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 91.

aprender nada com ele. Também há uma desconexão/descontinuidade intergeracional, e perde-se assim o intercâmbio entre os mais velhos e os mais novos. “Em certo sentido, este é um aspecto da dependência”<sup>15</sup>.

### 2.3 IDEIAS RELACIONADAS AO POSSIBILISMO: RACIONALIDADES OCULTAS

O segundo conceito associado ao possibilismo é o de racionalidades ocultas. Grosso modo é a atitude de buscar identificar mecanismos que já estão em vigor, mas que não são identificados nem tornados conscientes pelos agentes envolvidos nele, “trazer à luz as racionalidades ocultas de um comportamento social aparentemente bizarro, irracional ou repreensível constitui um importante e inteiramente respeitável passatempo dos pesquisadores em ciência social, desde Mandeville e Adam Smith”. Hirschman, em nota de rodapé neste mesmo trecho, também lembra que essa tradição na literatura remonta a Erasmo em o *Elogio da Loucura*<sup>16</sup>.

É importante que se diga que as descobertas que resumirei abaixo não são novidades. O livro no qual elas são expostas é dos anos 1960 e tanto economistas especialistas em industrialização e desenvolvimento quanto outros pesquisadores as têm como básicas, apesar de, como pretendo mostrar, isso não ter sido sempre assim. O que procuro enfatizar é a forma com que Hirschman produzia seu pensamento, as características que podem, e segundo esse trabalho devem, ser postas em prática por todo tipo de cientista social.

No caso de Hirschman essas racionalidades ocultas são em geral ligadas ao tema central de sua obra, o desenvolvimento econômico. Ele cita como suas principais descobertas, ou seja, exemplos de fenômenos ditos prejudiciais que podem ser explorados de uma maneira frutífera de alguma forma, são eles:

a) a (utilização) da “escassez, dos pontos de estrangulamento e de outras sequências de crescimento não equilibrado”, esse é um tema central de um importante livro de Hirschman chamado *Estratégia do Desenvolvimento Econômico*, e essa utilização do desequilíbrio econômico como marcador que deve ser explorado e é extensamente desenvolvido nos capítulos 3 a 7 do livro. Resumidamente, ao invés de

---

<sup>15</sup> Hirschman, Albert - A moral secreta do economista. São Paulo: Fundação editora da Unesp. 1997, p. 81.

<sup>16</sup> Hirschman, Albert - A economia como ciência moral e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 88.

tomar os problemas como bloqueios intransponíveis a serem evitados a todo custo, não os temer para evitar que causem essa paralisia, e sim deixar que eles se tornem visíveis e trocar de direção nesse momento, com tudo mais em movimento.

Essa hipótese pode ser chamada também de crescimento desequilibrado, tese que vai de encontro com algumas teorias e pontos de vista comuns à época<sup>17</sup>. Essas teses rivais alegavam que em um país subdesenvolvido uma empresa capital intensiva não sobreviveria, pois não teria demanda por seus produtos em uma economia em que, fora os operários dessas empresas mais produtivas, ninguém mais teria renda para consumir as mercadorias produzidas pelas empresas de ponta, e que assim sendo seria preciso “começar tudo de uma só vez e ao mesmo tempo, uma grande quantidade de indústrias novas, que serão clientes umas das outras [...] a teoria foi também anexada à teoria do grande impulso”. Segundo Hirschman essas teses:

“combinam uma atitude derrotista acerca das possibilidades das economias subdesenvolvidas com esperanças inteiramente fictícias sobre o seu poder de criação [...] a sua aplicação exige uma soma enorme justamente daquelas qualidades, das quais mostramos existir um suprimento limitado em países subdesenvolvidos [...] Em outras palavras, se um país estivesse em condições de aplicar a doutrina do desenvolvimento equilibrado, então, preliminarmente, não seria um país subdesenvolvido.”<sup>18</sup>

A proposta de Hirschman é esquecer a perfeição, lidar com o sub-ótimo, valendo a máxima: antes feito imperfeitamente que não feito, pelo menos para os países subdesenvolvidos.

b) A “(utilização) das operações industriais com forte intensidade de capital”. O desenvolvimento desse aspecto está no capítulo 8 de *Estratégia*, e pode ser sintetizado como uma defesa do uso da adoção de processos mais capital-intensivos, especialmente no processo central (químico ou mecânico) por parte de empresas em países subdesenvolvidos, mesmo que não seja capaz de manter aquele padrão de intensidade de capital em operações periféricas – como manejo e transporte interno – e que essas atividades ainda que representem “uma fração considerável do custo total” não afetaria “a eficiência, uma vez que o processo central (capital-intensivo)

---

<sup>17</sup> Hirschman, Albert. *Estratégia do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961, p. 84.

<sup>18</sup> Hirschman, Albert. *Estratégia do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961, p. 87 a 89.

ainda marcaria, indiretamente, o ritmo de todas as operações da indústria”<sup>19</sup>. Esse argumento visa buscar uma chance de assentar indústrias mais sofisticadas em países onde a tendência seria ao trabalho-intensivo, visto que nessas economias a remuneração tende a ser baixa e existir desemprego dissimulado.

Outra racionalidade oculta ligada ao uso de capital-intensivo é bastante curiosa. Hirschman afirma que, ao contrário do que se dizia, países subdesenvolvidos devem sim incentivar atividades em que erros tragam riscos elevados, como por exemplo a aviação comercial. O raciocínio aqui é que nessas atividades os cuidados e a manutenção rigorosa trariam benefícios pois exigiria adequações, pouco usuais nesses países, e que esse rigor traria aprendizado e estabeleceria novos costumes mais sofisticados que teriam possibilidade de espalhar-se para outros setores:

Sugeri que países menos desenvolvidos poderiam ter uma vantagem comparativa em tarefas - como a administração de uma companhia aérea - em que a tolerância é reduzida, em relação àquelas - como a construção e manutenção de rodovias - cuja tolerância é ampla. Nas tarefas deste último tipo, os países em desenvolvimento tenderiam a gravitar para o extremo ruim da escala de desempenho, em contraste com situações nas quais a natureza da tarefa os obrigaria a sair-se bem [...] Demonstrei devidamente que os projetos cuja tolerância é limitada por serem “restritos ao local” ou cuja construção é “restrita pelo tempo” possuem várias vantagens sobre os que carecem dessas características [...] restrição de tempo e a tolerância reduzida para desempenho em geral são parentes próximas da técnica just-in-time, que se tornou conhecida como uma característica fundamental dos métodos japoneses de produção industrial.<sup>20</sup>

c) Essa terceira racionalidade oculta é ainda mais perigosa, “Mas como se sabe, o conhecimento é *intrinsecamente* perigoso (grifo dele)”<sup>21</sup>, é a “(utilização) da pressão exercida pela inflação” e pelas pressões demográficas sobre os agentes tomadores de decisões. Hirschman estende-se no assunto no capítulo 9 de *Estratégia*, apontando que existem vários tipos prováveis de comportamento de preços e que algumas modalidades podem não ser totalmente prejudiciais, podendo ser um “mal necessário”. Evidente que o melhor cenário, “quando a inflação é contida, enquanto se incentivam novos investimentos e produção”, não é possível e é disso que se trata, pois em países subdesenvolvidos há (muita) falta e/ou (muita) má alocação de capital

---

<sup>19</sup> Hirschman, Albert. *Estratégia do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961, p. 228 a 230.

<sup>20</sup> Hirschman, Albert. *Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque*. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p.146-147.

<sup>21</sup> Hirschman, Albert - *A economia como ciência moral e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 90.

por definição. Todo o valor desta teorização está nos detalhes, haveria assim uma inflação menos perniciosa e talvez benéfica:

Quando a elasticidade da oferta for grande e o impulso inflacionário pequeno, o equilíbrio estrutural provavelmente se restabelecerá [...] mas, se a elasticidade da oferta for pequena e o impulso inflacionário grande, então, a vantagem do preço das utilidades, cuja produção se precisa expandir, desaparecerá antes que o equilíbrio estrutural seja restabelecido, de modo que estes preços subirão novamente e, assim, causarão uma ou várias crises inflacionárias subsequentes [...] há uma diferença real entre a economia que soluciona novos problemas de suprimento, a cada crise inflacionária, e outra em que é o mesmo problema de suprimento que serve de causa constante a que os preços retomam o seu curso altista [...] Um setor típico, em que a deletéria combinação da baixa elasticidade da oferta e o alto impulso inflacionário está apto a aparecer, é o da agricultura. Os preços agrícolas em elevação não serão frequentemente muito eficazes, por si mesmos, a provocar produção adicional [...] Ao mesmo tempo, a alta dos preços agrícolas é muito eficiente no impulsionar outros preços para alta, em virtude do seu efeito sobre as remunerações, que é especificamente forte nas economias de baixa renda.<sup>22</sup>

Essa diferenciação é feita com o intuito de municiar os agentes públicos e privados, que fornecem financiamento, das especificidades de cada setor e das vicissitudes de lidar com uma economia subdesenvolvida em desenvolvimento.

Sobre as pressões demográficas é preciso relatar algo bastante interessante. Hoje, no Brasil, diversos economistas dizem algo como “perdemos o boom demográfico”, e com isso querem dizer que envelhecemos antes de enriquecermos, pois, a diminuição da natalidade implica a diminuição relativa da parte economicamente ativa da população. Explicitam assim que o excesso de natalidade é um fator não só importante como pode ser benéfico ao desenvolvimento. Por conviver com problemas previdenciários, ninguém que conheça os cálculos atuariais ignora a importância do crescimento populacional para a solvência das políticas assistenciais no tempo. Além do que, países de baixo crescimento, como o Brasil das últimas décadas, teriam pelo menos um fator de crescimento garantido com o aumento populacional. Mas a opinião sobre o aumento demográfico nem sempre foi essa e por isso escolhi mais esse tema da obra de Hirschman para ilustrar mudanças que foram produzidas pelo tipo de pensamento social propagado por ele, e que explicita essa busca por detalhes ignorados pelas teses hegemônicas.

O pensamento corrente, ou a tese rival, na época em que Hirschman desenvolve a tese sobre os possíveis fatores benéficos das pressões demográficas, era de que o excesso populacional deveria ser evitado, e de maneiras bastante

---

<sup>22</sup> Hirschman, Albert. *Estratégia do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961, p. 244-245.

radicais, vide por exemplo as campanhas pró aborto endereçadas principalmente aos países subdesenvolvidos por organismos internacionais e até políticas como a do filho único na China. O raciocínio básico era de que o crescimento populacional achataria a renda per capita (produto/população) por elevar o denominador, produzindo pobreza mais aguda que a anterior aos nascimentos.

A tese de Hirschman é oposta e afirma que as pressões demográficas devem ser consideradas capazes de estimular o desenvolvimento. Primeiramente ele recorre ao postulado psicológico de Duesenberry, que declara que os povos oferecerão resistência à baixa do padrão de vida, se assim agem em consequência de uma pressão cíclica<sup>23</sup>. A pressão levaria a uma contrapressão no sentido de restabelecer o padrão anterior e essas “lutas sucessivas [...] (levariam ao) aumento da capacidade de controle do ambiente e de organização para o desenvolvimento.”<sup>24</sup> Então afirma que essa contrapressão só poderá materializar-se se houver alguma “folga” na economia que possa ser ocupada, e esse talvez seja o ponto mais agudo da discordância com a tese rival baseada em um pressuposto neomalthusiano “a saber: ‘todas as forças produtivas são cabalmente utilizadas, isto é, não há recursos não - empregados - a oferta de terra e capital é fixa’.”<sup>25</sup> Essa hipótese tem como consequência a suposição de “que a produção está otimamente organizada, que todos os conhecimentos de organização e tecnológicos existentes, que não necessitem de dispêndio de capital, estão totalmente aplicados” ao que Hirschman contrapõe “É óbvio que, até em regiões subdesenvolvidas densamente povoadas, tal situação será absurdamente rara”.

Entretanto, o possibilismo não é um otimismo cego e Hirschman enumera algumas situações que auxiliam ou elevam a possibilidade do desempenho benéfico das pressões demográficas, e chamo atenção de novo para o foco dessa parte do capítulo, a sistemática do pensamento na busca de racionalidades ocultas ou ignoradas. Para que a pressão tenha uma possibilidade maior de efeito positivo é preciso que 1) ela seja repentina, pois um acréscimo populacional lento tende a ser absorvido sem que o choque possa ativar a contrapressão; 2) O aumento populacional

---

<sup>23</sup> Hirschman, Albert. *Estratégia do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961, p. 265.

<sup>24</sup> Hirschman, Albert. *Estratégia do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961, p. 266.

<sup>25</sup> Hirschman, Albert. *Estratégia do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961, p. 268.

será tanto mais estimulante quanto maior for o “incremento urbanístico e, assim, determinar pressões e necessidades óbvias de facilidades gerais, como habitação, escola e serviços públicos”<sup>26</sup>; 3) Que o aumento da população seja tal que ultrapasse a “base limiar mínima de produção em uma quantidade de indústrias importantes” para florescimento de setores que anteriormente não possuíam a escala necessária; 4) Esse aumento será tanto mais eficaz quanto mais atingir classes mais elevadas, pois essa tende a apresentar “a forma de atividade empreendedora intensificada”; 5) Quanto menos o país estiver avisado e engajado “aos rígidos postulados dos métodos neomalthusianos”, maiores as chances de que as reações às pressões demográficas produzam efeitos benéficos.

Por fim, Hirschman deixa claro que isso não é um chamado ao aumento populacional e sim uma contra tese que diminua o alarmismo, afinal o aumento populacional é um produto da diminuição extremamente rápida da mortalidade populacional causado por avanços médicos e sanitários contingentes e imprevistos. O que se pretende combater nesse caso exemplar são consensos pretensamente racionais que produzem políticas desastrosas e alarmismos fortuitos. Olhando a posteriori é curioso que hoje no Brasil se aponte o exato oposto como o problema, que teríamos envelhecido antes de enriquecer, que a janela do bônus demográfico estaria fechando, ou para os mais pessimistas, que ela já se fechou.

---

<sup>26</sup> Hirschman, Albert. *Estratégia do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961, p. 270.

### 3 HETERODOXIA

Questões surgem para aqueles que têm o hábito de crer que os chefes de exércitos traçam os planos das guerras e das batalhas da mesma maneira que cada um de nós faria sentado no seu gabinete(...) As pessoas acostumadas a tais pensamentos esquecem ou ignoram as condições inelutáveis nas quais se exerce a atividade dum general-em-chefe(...) Um comandante não se encontra jamais nas condições de COMEÇO em que estamos, nós, teóricos, para examinar um acontecimento qualquer. Encontra-se sempre no meio duma sequência móvel de circunstâncias, de tal modo que, nunca, em momento algum, está ele em condições de abarcar em seu espírito toda a significação dos acontecimentos em vias de realização. O acontecimento se realiza e toma sua significação pouco a pouco; e a cada um dos instantes dessa progressão ininterrupta que o leva a destacar-se em relevo se encontra o comandante no centro dum jogo complicado de intrigas, de preocupações, de sujeições, de ordens autoritárias, de projetos, de conselhos, de ameaças, de enganos, e se vê constantemente obrigado a responder a uma quantidade inumerável de questões sempre contraditórias.<sup>27</sup>

#### 3.1 DEFININDO A PALAVRA-CHAVE: HETERODOXIA

A polêmica entre economistas Heterodoxos e Ortodoxos, e que tem como face um problema metodológico e de cuidado com as evidências empíricas, é a primeira ideia que surge em mente quando se fala sobre Heterodoxia no Brasil, porém quero me esquivar dessa polêmica aqui por duas razões. A primeira é que esse enfoque não seria útil, nem justo com a obra de Hirschman. Se é verdade que era um autor ligado a economia do desenvolvimento, disciplina que formou o pensamento de diversos autores autointitulados Heterodoxos na América Latina, e que além disso dispensou parte importante de sua vida e obra, vivendo e analisando os problemas dos países em desenvolvimento, também é verdade que a matematização nunca foi algo alheio a sua obra. No apêndice de *Voz, Saída e Lealdade*, e em diversos capítulos de *Estratégia do Desenvolvimento*, ele se utiliza de métodos matemáticos para expor algumas de suas ideias. Esses recursos são fundamentais para o pensamento econômico em todo o mundo e tem também uma longa trajetória na ciência política norte-americana, que é tributária do pensamento econômico prévio. Muitos dos achados que surgem apartados do *mainstream* ortodoxo, ao serem matematizados podem, com o tempo, serem adicionados ao cânone com mais facilidade.

Foi isso que aconteceu, para citar um exemplo do próprio Hirschman, com o Índice Hirschman-Herfindahl utilizado para medir o grau de concorrência entre

---

<sup>27</sup> Tolstói, Leon. Guerra e paz. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1983.

empresas em dado mercado. Para citar um exemplo mais atual, bastante paradigmático desse fenômeno da absorção, nas últimas três décadas ocorreu o mesmo processo com a economia comportamental, saindo de um lugar periférico e se assegurando como disciplina inescapável da economia, cujo caso está exposto no livro *Misbehaving*, escrito por Richard Thaler, um dos iniciadores da disciplina.

A ideia de Heterodoxia que quero evidenciar no pensamento de Hirschman é menos polêmica e mais saudável, pensar nela como uma busca sagaz e criativa que olha as teorias pelo seu contrário, quase como um antropólogo que tem sua atenção aguçada exatamente pelos traços culturais estranhos, que fogem da regularidade da maioria dos casos nas diferentes sociedades, para então refletir com mais profundidade sobre o que foi transformado em regular. Na próxima parte desse capítulo espero deixar isso mais claro.

### 3.2 IDEIAS RELACIONADAS A HETERODOXIA: EFEITOS PRETENDIDOS E NÃO REALIZADOS

Michael McPherson no verbete “Albert Otto Hirschman”, no *New Palgrave: A dictionary of Economics*, diz que se alguém proclamar uma lei, Hirschman mostra onde ela não funciona<sup>28</sup>, embora o próprio se defenda dizendo que não é “totalmente anti teórico”, e que muitas de suas ideias são teorias. Porém é visível o gosto por contrapor ideias importantes nas ciências sociais e o primeiro exemplo a que recorrerei é a inversão da ideia de consequências inesperadas que aparece no capítulo final de *As Paixões e os Interesses - argumentos políticos a favor do capitalismo antes de seu triunfo*. No capítulo passado me referi a ideia de Hirschman de racionalidades ocultas, que um dos tipos mais conhecidos é o das consequências impremeditadas. Mas qual seria o inverso de uma consequência impremeditada? Efeitos pretendidos, mas não realizados das decisões sociais.

Resumindo brutalmente, o livro apresenta o debate acerca do efeito do comércio sobre as paixões humanas. A primeira tese, bem representada por Montesquieu na França e Sir James Steuart na Escócia, afirma que por diversos fatores como a necessidade de regularidade e confiabilidade, a expansão do comércio

---

<sup>28</sup> Hirschman, Albert - A moral secreta do economista. São Paulo: Fundação editora da Unesp. 1997, p. 70.

e da indústria deveria melhorar a ordem política por meio da contenção das paixões dos poderosos. O interesse desses em enriquecer funcionaria como um elemento de suavização dos impulsos à glória e à expansão territorial, *le doux commerce*. Essa tese é contraposta por Adam Smith e pelos fisiocratas, que compartilham um ceticismo quanto ao fim das interferências arbitrárias e despóticas daqueles com poder e, portanto, são muito menos otimistas quanto essa auto contenção automática dos poderosos causada pelo progresso econômico.

O esquema fisiocrata defendia uma nova ordem política que fosse capaz de impelir os poderosos “por razões de interesse próprio, a promover o interesse geral”<sup>29</sup>. Mas é o esquema de Smith, por um lado mais modesto em sua pretensão de controle da autoridade suprema<sup>30</sup> (os nobres ficaram mais contidos frente a outras forças sociais, sobretudo frente aquela do soberano, mas não necessariamente terminará o risco de despotismo) e por outro mais vigoroso no sentido de explicar as mudanças sociais desencadeadas pela divisão social do trabalho, que contribuiu de maneira mais importante para o desaparecimento da defesa do capitalismo nos moldes de Montesquieu-Steuart.

Smith estabelece uma poderosa justificativa econômica para a busca do interesse individual: essa busca produziria bem-estar (material) para toda sociedade. Diminui a ênfase na justificativa política, relacionada a contenção dos poderosos<sup>31</sup>, que se desloca então para compreensão das motivações e dos comportamentos da “grande horda da humanidade”, da arraia miúda, da gente comum. Essa guinada tirou o foco do controle da elite pelo seu auto interesse e conseqüentemente das teorias que defendiam essa hipótese, como a de Montesquieu-Steuart. Smith, como outros antes dele – Mandeville, Hobbes, Montesquieu – pensava que a principal fonte do comportamento social era a afeição por si mesmo (*self-liking* ou *amour propre* em Rousseau) que pode ser resumida pela avaliação que fazemos de nós mesmos a partir da opinião que os outros expressam de nós, na linguagem de smithana, essa percepção de si está ligada a aprovação e a admiração que determinadas pessoas tem por nós. E o caminho do aumento da fortuna, do progresso econômico individual é uma das formas de adquirir a aprovação e a admiração. Reproduzo uma citação de Smith que Hirschman utiliza:

---

<sup>29</sup> Hirschman, Albert - As paixões e os interesses. Rio de Janeiro: Record. 2002, p.118.

<sup>30</sup> Hirschman, Albert - As paixões e os interesses. Rio de Janeiro: Record. 2002, p.123.

<sup>31</sup> Hirschman, Albert - As paixões e os interesses. Rio de Janeiro: Record. 2002, p.120.

(...) é principalmente pela consideração aos sentimentos da humanidade que buscamos a riqueza e evitamos a pobreza. Pois que objetivo tem toda a labuta a azáfama deste mundo? Qual é o fim da avareza e da ambição, da busca da riqueza, do poder e da superioridade? De onde (...) surge a rivalidade que está presente em todas as diferentes classes dos homens e quais são os benefícios que propomos para o grande propósito da vida humana a que chamamos *melhorar nossa condição*? Ser notado, ser escutado, ser observado com simpatia, complacência e apreciação, são todos os benefícios que podemos propor que derivem dele. É a vaidade, não o sossego ou o prazer, que nos interessa.<sup>32</sup>

É a vaidade, ou seja, outra paixão que gera o impulso pela melhora da condição. Não é o interesse material puro, se posso dizer assim, pois:

O impulso pela vantagem econômica não é mais autônomo, mas torna-se um mero veículo para o desejo pela consideração. Da mesma maneira, no entanto, os impulsos não econômicos, poderosos, são todos feitos para alimentar os econômicos e não fazem nada além de reforçá-los, sendo desse modo destituídos de sua existência outrora independente (...) Ao dominar essa ambição, a ânsia pelo poder, e o desejo pelo respeito podem ser todos satisfeitos pelo progresso econômico; Smith enfraquece a ideia de que paixão pode ser lançada contra paixão, ou os interesses contra as paixões. (...) e há uma volta ao estágio, anterior a Bacon, em que as principais paixões eram consideradas como sendo um bloco sólido, e se alimentando umas às outras. Não é de admirar, então, que o próprio Smith praticamente equipare as paixões aos interesses numa passagem-chave de *A Riqueza das Nações* (...) <sup>33</sup>

O antagonismo entre “interesses” e “paixões” tão comum nos autores pretéritos perde força e as palavras se tornam praticamente sinônimas, e isso se dá, segundo Hirschman, pois Smith estava muito mais preocupado com o comportamento da pessoa comum do que os autores anteriores:

A riqueza das nações põe um fim às especulações acerca dos efeitos da motivação pelo interesse no comportamento passional que tinham exercitado as mentes de alguns dos mais ilustres predecessores de Smith. A atenção tanto de debate acadêmico quanto do político veio se centrar depois de Smith na sua proposição de que o bem-estar geral (material) está melhor servido quando se deixa a que cada membro da sociedade busque seu próprio interesse (material) (...) Mas o desaparecimento de vista das especulações de Montesquieu-Steuart também deve ser atribuídos a fatores históricos mais gerais: dificilmente causa surpresa o fato de que as suas ideias otimistas sobre os efeitos políticos do comércio e da indústria em expansão não sobreviveriam à época da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas.<sup>34</sup>

As guerras que se seguiram aterraram as teses sobre o suave comércio nos moldes Montesquieu-Steuart, mas é possível dizer que o desaparecimento não foi completo, pois durante os primeiros anos do século XX autores comunistas duvidaram

<sup>32</sup>Hirschman, Albert - *As paixões e os interesses*. Rio de Janeiro: Record. 2002, p.128.

<sup>33</sup> Hirschman, Albert - *As paixões e os interesses*. Rio de Janeiro: Record. 2002, p.129.

<sup>34</sup> Hirschman, Albert - *As paixões e os interesses*. Rio de Janeiro: Record. 2002, p.133.

dos conflitos entre nações apostando na consciência de uma classe trabalhadora supranacional, e outros ainda mais próximos da tese do suave comércio apostaram na impossibilidade dos conflitos baseados na interdependência comercial entre as nações. O que se seguiu foram as duas grandes guerras. Mais recente são as frustrações provindas das expectativas sobre Rússia e China. Os europeus apostaram que a interdependência com a primeira seria suficiente para evitar conflitos, e de alguma forma os norte-americanos também, com relação a segunda.

Voltemos à característica tema do capítulo que tento ilustrar com esse resumo de *As paixões e os interesses*. Toda essa narrativa da história das ideias busca alertar sobre efeitos *dados como certos, mas que não se realizam, e porque não realizados são esquecidos, e com azar repetidos*. Ele conclui o livro dizendo: “tanto os críticos quanto os defensores do capitalismo poderiam aperfeiçoar os seus argumentos pelo conhecimento do episódio da história intelectual que foi contada aqui. Isso é provavelmente tudo que se pode querer da história, e da história das ideias em particular: não resolver problemas, mas elevar o nível do debate.”<sup>35</sup>

### 3.3 IDEIAS RELACIONADAS A HETERODOXIA: CONTRA IDEIAS PEREMPTÓRIAS

A segunda ideia ligada à heterodoxia de Hirschman está em um pequeno e intrigante artigo chamado *Opiniões peremptórias e democracia*. Intrigante porque o autor se pergunta sobre o valor de ter opiniões em sociedades democráticas, onde todos as têm, e onde é lícito e valorizado expressá-las com despreocupada regularidade. Esse tipo de questionamento ao revés pode ser rico e trazer novas ideias sobre ter muitas ideias e ideias muito fortes.

O artigo inicia ponderando sobre quais ingredientes elevariam o grau de satisfação humana: nem “só de pão e nem mesmo só de PIB, e percebemos que diversos itens até então negligenciados têm de ser incorporados às funções de utilidade individual [...] um ar razoavelmente puro, sentimentos de participação e comunidade e um clima de segurança e confiança no país e entre países”<sup>36</sup>. Hirschman quer examinar um desses bens negligenciados, o bem de *ter opiniões*.

---

<sup>35</sup> Hirschman, Albert - *As paixões e os interesses*. Rio de Janeiro: Record. 2002, p.155.

<sup>36</sup> Hirschman, Albert. *Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque*. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p.90.

Começando por clássicos da literatura e teóricos importantes encontra-se uma abrangente imagem elogiosa sobre ter opiniões na literatura ocidental, de Chekhov a John Stuart Mill, de Yates a Rawls, e sobretudo em Humboldt que aponta a individualidade e a originalidade como “aquilo em que se alicerça toda a grandeza do homem em última análise e em que ele deve incessantemente empenhar-se”<sup>37</sup>. Demonstrar convicções sólidas e bem fundamentadas costuma ser louvado e o oposto, a indiferença e a falta de convicção, alvo de críticas e de desprezo.

Hirschman pondera: “as coisas nunca são assim tão simples [...] (e) a própria história de Chekhov insinua que possuir uma porção de opiniões banais pode ser tão ridículo quanto a amargura de não ter opiniões [...]”, e logo aponta como Downs em *Economic theory of democracy* (1956) indicou que uma das vantagens dos partidos políticos era fornecer um pacote completo de opiniões prontas e sólidas sobre os assuntos do momento. Essa tal vantagem cria um comportamento aproveitador (free rider) e essa tomada do pacote de opiniões sem esforço produziria “liberais por reflexo” e “conservadores por reflexo”. Ao introduzir o conceito de “reflexo” se “complica a avaliação dos benefícios que advêm de ter opiniões” e comprar o pacote completo de opiniões de um partido pode agora representar uma “negação da individualidade, da personalidade e do Eu - uma espécie de fuga da liberdade”, e por fim ele declara que o valor das opiniões parece depender de outras “especificações complexas quanto à maneira mais ou menos autônoma em que as opiniões foram formadas”.<sup>38</sup>

Depois de apresentar essa perspectiva do ponto de vista da apropriação individual de ter opiniões, Hirschman agora muda o ângulo para a esfera coletiva, nos efeitos de ter opiniões sobre o caráter da sociedade. Ele cita a contribuição de Manin (1987) onde esse aponta que para funcionar bem e perdurar no tempo é preciso alguma maleabilidade de opiniões no processo de deliberação. Nas palavras de Hirschman:

[...] que as opiniões *não sejam* formadas plenamente *antes* do processo de deliberação. Os participantes - o público em geral e seus representantes - devem manter um grau de abertura ou de caráter experimental em suas opiniões e estar dispostos a modificá-las em consequência de argumentos que serão apresentados pelas partes oponentes e, mais simplesmente, à luz de novas informações que podem surgir no decorrer de debates públicos.

<sup>37</sup> Hirschman, Albert. *Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque*. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p.92.

<sup>38</sup> Hirschman, Albert. *Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque*. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p.93-94.

Sem um processo político que manifeste pelo menos alguma aspiração a esse quadro reconhecidamente um tanto idílico, a democracia perde sua legitimidade e fica, assim, ameaçada. (grifo do original)<sup>39</sup>

Assim a “ênfase acentuada da cultura ocidental sobre a virtude de ter opiniões sólidas” se revela mais uma “reliquia ideológica” aristocrática do que propriamente uma característica bem adaptável ao processo político democrático, e seria importante combinar as virtudes da individualidade e da originalidade com “qualidades democráticas como receptividade intelectual, flexibilidade e disposição para avaliar um novo argumento ou até mesmo sentir prazer em adotá-lo”.

Na parte final do artigo Hirschman tenta uma síntese entre *ter opiniões* do ponto de vista individual e coletivo. Se do ponto de vista individual ter opiniões poderia ser ambíguo em relação ao bem-estar, sendo tanto mais negativo quanto mais pronunciado fosse seu caráter “reflexo”, ou seja, quanto menos autônomo e mais ideológico fosse. Então “um modo de adquirir opiniões de maneira oposta, enriquecendo a personalidade, é dar-lhes forma definida só depois de tê-las confrontado intensivamente com outras ideias [...] evidencia-se que o interesse público na tomada democrática de decisões converge perfeitamente com o interesse privado em formar opiniões de modo a intensificar o amor-próprio”.

O que se inicia como uma observação sobre o bem-estar individual acaba como um argumento em teoria democrática sobre os “alicerces” da personalidade de uma sociedade democrática.

---

<sup>39</sup> Hirschman, Albert. Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p.95.

## 4 AUTO-SUBVERSÃO

Todos estão sujeitos a dizer tolices; o mal está em as enunciar com pretensão: “Este homem vai provavelmente expor-nos, com ênfase, algumas enormidades”. Este segundo ponto não me diz respeito, porque não dou maior atenção às bobagens que me escapam. Felizmente para elas, pois as negaria imediatamente se devessem prejudicar-me, ainda que mui ligeiramente. Nada compro ou vendo por preço mais alto do que vale. Escrevo como falo ao primeiro indivíduo que encontro, contentando-me com dizer a verdade.<sup>40</sup>

### 4.1 DEFININDO AS PALAVRAS-CHAVE: AUTO-SUBVERSÃO

A citação de Montaigne é claramente exagerada para o ponto deste capítulo, mas a comicidade guarda muito do espírito irônico e autodepreciativo de diversas passagens espirituosas da obra de Hirschman. Mais do que isso, ela também contém um desapego em relação às próprias ideias que ilustram essa característica que quero explorar do pensamento de Hirschman, sua propensão à auto-subversão.

Nas ciências duras a mudança de paradigma é muito mais claramente revisionista, sobretudo quando é possível uma medição experimental. Pensa-se algo, testa-se, e no caso de obter um resultado que seja conclusivo e contrário, reformar-se-á em algum tempo o paradigma, a mensuração no sentido estrito auxilia nessa mudança. E o surgimento de um paradigma competitivo, fortalecido por novos dados, também eleva a chance de mudança. Nas ciências sociais, mas não só nelas, existe um investimento de amor-próprio na formulação das constatações que tornam os cientistas conhecidos, e seus trabalhos posteriores “tendem a explorar, usando o termo kuhniano, linhas de ‘ciência normal’, todas aquelas esferas nas quais as constatações originais possam ser ratificadas, intensificando-se a resistência à auto-subversão.”<sup>41</sup> Além disso, a aproximação analógica que costumamos fazer entre mundo físico e mundo social pode produzir a resistência em ver como no mundo social as coisas são mais complicadas e ambíguas, o que se aplica a uma parte das várias subdivisões da sociedade humana pode não se aplicar a outras. E adaptar a teoria a essas mudanças requer rever as constatações passadas colocando em risco todo o corpo da teoria em cheque.

---

<sup>40</sup> Montaigne, Michel - Ensaaios. São Paulo: Editora 34, 2016.

<sup>41</sup> Hirschman, Albert. Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p.104-5

Entretanto, segundo Hirschman, existem benefícios para essa disposição em modificar suas próprias teorias. E isso não ocorre sem algum tipo de incentivo, então é preciso evidenciar esses benefícios. Em primeiro, essa disposição pode contribuir para uma cultura mais democrática. Visto que nesses tipos de sociedades abertas os cidadãos têm direito às suas opiniões é importante que estejam dispostos a modificá-las quando entrarem em contato com novos argumentos e evidências. Segundo “como Gaston Bachelard afirmou que a repressão freudiana é ‘uma atividade normal, uma atividade útil e, melhor ainda, uma atividade prazerosa’, dedicar-se à auto-subversão pode realmente ser uma experiência positiva e agradável.”<sup>42</sup> E finalmente, ele afirma, que a partir de certa idade, a auto-subversão se torna, de fato, o principal meio de auto-renovação.

Enfim, receptividade intelectual, flexibilidade e disposição para avaliar um novo argumento, e a capacidade de sentir prazer ao fazê-lo, tornam-se ferramentas úteis para a criatividade e para o aperfeiçoamento das ideias dos cientistas e quem sabe deles próprios.

#### 4.2 IDEIAS RELACIONADAS A AUTO-SUBVERSÃO: COMÉRCIO EXTERIOR

Em *National power and the structure of foreign trade*, primeiro livro de Hirschman publicado em 1945, encontra-se a tese de que juntamente com as transações comerciais entre nações soberanas, caracterizadas pela teoria do comércio internacional mais aceita como mutuamente benéficas, também surgem relações de influência, dependência e dominação. E que mesmo concordando com a teoria clássica dos ganhos mútuos era possível observar efeitos políticos do comércio exterior que tendiam a ser assimetricamente favoráveis aos países mais poderosos. Esse diagnóstico foi então “redescoberto” nos anos 60 por autores como Fernando Henrique Cardoso,<sup>43</sup> Osvaldo Sunkel e André Gunder Frank para a formatação da chamada teoria da dependência. Hirschman afirma que nunca se sentiu confortável

---

<sup>42</sup> Hirschman, Albert. *Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque*. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p.106

<sup>43</sup> É preciso dizer que FHC também tem uma crítica contra versões as quais chama de mecanicistas da teoria da dependência. Ele afirma que durante os anos 70 advogou por uma versão que acompanhava a análise estrutural mais abstrata com uma necessária contextualização histórica sobre as origens das elites específicas de cada país, e dos processos históricos de cada nação.

com essa possível paternidade pois julgava essa análise política e econômica sombria demais.

Em 1977 escreve *Beyond asymmetry: critical notes on myself as a young man and on some other old friends*: “(neste artigo) surgiu-me a oportunidade de explicar minha atitude para com a escola da dependência e decidi fazê-lo criticando minha própria tese de um quarto de século atrás”<sup>44</sup>. Mudando de opinião frente às novas evidências, Hirschman destaca que apesar de a situação de dependência existir ela não é inexorável, pois enquanto essas transações comerciais entre um país rico e outro mais pobre se desenvolvem, podem surgir “diversas contratendências, econômicas e políticas, que a seu tempo reduzirão essa dependência. Por exemplo, quando o comércio entre um país grande e poderoso e um país pequeno contribuiu inicialmente para a subordinação deste último, essa situação levará a uma reação que tem alguma chance de êxito devido ao que denomino ‘disparidade de atenção’: o país grande é incapaz de voltar a atenção - e é improvável que o faça - para suas relações com um pequeno parceiro comercial com a mesma concentração de esforços que está ao alcance e é característica deste (do país dependente)”. O quadro teórico rígido demais não era capaz de alcançar as minúcias do problema e, portanto, de possíveis soluções.

Aqui me estendo além das conclusões de Hirschman e lamento que sua autocrítica não tenha sido levada em conta. A teoria da dependência foi incapaz de renovar-se e de aprender com os fatos e tem, até hoje, diga-se de passagem, um diagnóstico sombrio pois imobilista, ela pressupõe uma revolução socialista *ex machina* e vitimista. Seria possível associá-la também à ideia, já anunciada no primeiro capítulo, de um tipo de *fracassomania ressentida*, pois há sempre um culpado pelo insucesso, sempre um outro distante nos impedindo. É possível dizer que essa também é uma daquelas teorias gerais totalizantes que sempre pensa no atacado, quando existiriam formas de solução no varejo. As coisas pequenas e possíveis de serem executadas são ignoradas, a perspectiva é sempre grandiloquente, de cima para baixo como Hirschman diria. Seriam elites esclarecidas dos países periféricos em luta contra as elites dos países centrais e seus aliados quintas-colunas, as elites

---

<sup>44</sup> Hirschman, Albert. Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p.101

locais submissas. Abstrações extremamente simplistas que perdem toda a complexidade do ambiente local, as reais disputas e as possíveis soluções.

A deterioração dos termos de troca, argumento fundamental para teoria da dependência, deveria ser reavaliada à luz de décadas de dados sobre as transações comerciais, ao contrário do que se afirmava os preços das commodities não caíram permanentemente, e sim flutuaram com os ciclos econômicos, com sua trajetória de preços podendo ser descrita como uma regressão à média. Por outro lado, foram os preços dos bens industriais que caíram constantemente, controlando pela qualidade. Além disso, como a ideia de “disparidade de atenção” de Hirschman apontava, o comércio mais importante para os países ricos é entre países ricos. O comércio com os países subdesenvolvidos é pequeno, até porque muitos se fecharam por décadas, e mesmo que alguns tenham tido sucesso no processo de industrialização por algum tempo, os países de industrialização tardia que fugiram da armadilha da renda média são, invariavelmente, todos expostos ao comércio global.

#### 4.3 IDEIAS RELACIONADAS A AUTO-SUBVERSÃO: A RETÓRICA DA INTRANSIGÊNCIA

Se no exemplo anterior a auto-subversão levou vinte e cinco anos para acontecer, neste a autocrítica veio anexada ao corpo da mesma obra. Motivado pela reeleição de Ronald Reagan, em 1985, Hirschman escreveu *A Retórica da Intransigência: Perversidade, Futilidade, Ameaça*. O teor deste livro é uma análise dos tipos de argumentos retóricos usados pelos conservadores e neoconservadores contra as políticas do welfare state norte americano - argumentos contra à seguridade social e outros programas de bem-estar social. Esses argumentos retóricos analisados seriam formas usuais, muito populares e politicamente eficientes de formular questões e atacar políticas públicas rivais, mas que não tinham bases empíricas, apostando muito mais na coerência interna das proposições do que propriamente em dados objetivos. Entretanto, enquanto escrevia as partes finais do livro Hirschman percebe que alguns dos argumentos retóricos que estava analisando não eram monopólio dos conservadores. Muitas dessas formas de argumentação também eram utilizadas por progressistas e reformadores.

Hirschman nos explica em um artigo chamado *A retórica da intransigência - dois anos depois* como se deu a mudança que ocorre na parte final do livro: “A

sensação de perigo e o sentimento de raiva contra a ofensiva neoconservadora provavelmente explicam o tom dos cinco primeiros capítulos do livro”<sup>45</sup>. Porém, ao constatar que “pode existir todo um conjunto de argumentos progressistas que seriam comparáveis, item por item, à litania reacionária”, decide escrever o sexto capítulo chamado *Da retórica reacionária à retórica progressista*.

Era claramente uma iniciativa “auto-subversiva” - adaptando aqui um termo usado por Nietzsche quando se pôs a escrever o virulento tratado anti-Wagner depois de ter sido por muito tempo um ardoroso admirador e amigo íntimo do compositor. Eu de fato hesitei um pouco ao perceber os riscos que corria - as possíveis acusações de ser incoerente e de enfraquecer a argumentação contra à retórica reacionária que eu apresentara até então. Não obstante, comecei a escrever o capítulo por várias *razões que considere imperiosas*<sup>46</sup>. (grifo meu)

As razões com as quais justifica essa mudança revelam a personalidade desse autor: o *prazer* e o *dever*. Terrivelmente smithiano: a moral do homem comum, e honesto, aponta para aquilo que é prazeroso e para o que é apropriado (propriety), como nos revela o escocês na *Teoria dos Sentimentos Morais*. O prazer de Hirschman nessa guinada inesperada da obra viria da satisfação intelectual de criticar aliados, por ser muito mais trabalhoso e interessante que apontar sempre os maçantes erros dos adversários. E o dever se divide em dois, moral e intelectual. O dever moral se impõe, pois, uma vez que lhe ocorreu aquelas impropriedades argumentativas dos progressistas não criticá-las “equivaleria a autocensura e (a) dissimulação”. E o dever intelectual deriva de certa “inclinação” que Hirschman explica usando alguns aforismas “perspicazes ou apropriados” cujo contraste seria revelador e que guardam muito daquela máxima de Isaiah Berlin sobre ser romântico à noite e iluminista de dia:

Um exemplo marcante compõe-se, de um lado, da famosa declaração proto-românica de Vauvenargues: “Les grandes idées viennent du coeur” (As grandes ideias vêm do coração) e, de outro, da surpreendente contra afirmação de Paul Valéry: “nos plus importantes pensées sont celles qui contredisent nos sentiments” (Nossas mais importantes ideias são as que contradizem nossos sentimentos). Como Niels Bohr observou certa vez, há dois tipos de verdade: a verdade das afirmações “simples e claras”, cujo oposto é obviamente errado, e as “verdades profundas”, cujo “oposto também contém verdade profunda”. O par Vauvenargues-Valéry é uma ilustração particularmente apropriada dessas verdades profundas. Em retrospectiva, eu diria que escrever o livro deu-me a chance de demonstrar minha predileção por ambos os aforismos:

---

<sup>45</sup> Hirschman, Albert. *Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque*. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p.67.

<sup>46</sup> Hirschman, Albert. *Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque*. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p.69.

Vauvenargues predomina nos primeiros capítulos, dando lugar a Valéry como santo padroeiro nos dois últimos.<sup>47</sup>

Finalmente ele diz que de maneira mais banal essa escolha por anexar uma tese contrária ao final do livro poderia causar um benefício a mais. Ao denunciar ambas as retóricas reacionária e progressista “cada qual com sua marca registrada de argumentos intransigentes”, seria possível mostrar como essas discussões muitas vezes se tornavam “diálogos de surdos”, que evitavam “uma genuína deliberação e comunicação entre grupos rivais que se supõe serem características da democracia”. E para os cientistas sociais, que estão sempre buscando descobrir falhas e efeitos impremeditados nas ações e políticas sociais, essa parte do livro pode soar como um alerta “para as consequências involuntárias de seus próprios pensamentos”. Ao desenvolver uma certa linha de raciocínio um autor está em melhores condições do que qualquer outro para criar contra-argumentos. O que ocorre com frequência é que a autocensura, além de um imperativo de coerência cognitiva, impede que se continue na tarefa de desenvolvimento pleno daquele raciocínio.

Hirschman termina afirmando que “somente às obras dos pensadores mais criativos, expansivos e inovadores se permite estarem cheias de contradições não resolvidas deixam para os críticos a tarefa de expor as contradições e para seus intérpretes a de esforçar-se por conciliá-las”. É difícil não concordar. Pensemos em Maquiavel, Dostoievski, Montaigne, Shakespeare. Todos os autores da predileção de Hirschman e todos cheios de contradições, talvez porque lidavam com algo complexo demais para simplificações. Para além disso tudo Hirschman era conhecido como um otimista, pois apesar da incerteza e da dureza da dúvida era preciso ir além de Hamlet. Era o que ele dizia aos amigos.

---

<sup>47</sup> Hirschman, Albert. *Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque*. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p.69-70.

## 5 CONCLUSÃO

Procurei neste trabalho demonstrar as características do pensamento de Hirschman, pois penso que elas são enriquecedoras para qualquer cidadão que procure pensar melhor, e principalmente para cientistas sociais, que podem absorver e talvez se inspirar para criar seus próprios conceitos. Nesse espírito é possível ver que mesmo em artigos que não contenham o tema fundamental de interesse do leitor, ou que o conteúdo específico não seja aquele mais atual no debate corrente, pode-se ainda aprender com o autor formas de pensar os problemas sociais de modo amplo, de pensar sobre os tipos de pensamento mobilizados para sustentar determinadas teorias. O possibilismo, a heterodoxia e a auto-subversão, como descritas no corpo deste trabalho, seriam essas chaves para abertura de significados ainda não explorados de ideias sobre os problemas sociais.

Também é possível dizer, não sem alguma razão, que talvez muitas das esperanças dele estejam fora de tempo hoje. O Estado de bem-estar social fraqueja sob o peso das dívidas e o debate para as possíveis soluções se dá de forma muito mais violenta e surda do que ele imaginaria, muito distante do ideal subjacente às suas abordagens para lidar com os conflitos. Seu quase otimismo, imagino, deriva de ter visto os piores eventos do seu século e não só ter sobrevivido, mas prosperado. Ele lutou e demonstrou coragem física quando foi preciso, mas também soube recuar quando a oposição era inexpugnável. Quando veio a paz, novamente combateu na arena das ideias, criticando e achando seu lugar naquele que é provavelmente um dos campos acadêmicos mais concorridos do planeta. Para aqueles que gostam do bom debate, seria um prejuízo não conhecer algumas de suas ideias.

A originalidade das ideias e o gosto pelas palavras torna a obra atraente. Essa mistura entre conhecimento técnico e literatura faz com que surja de suas obras algo maior, pois aprendemos sobre nós mesmos enquanto seguimos sua análise sobre o mundo, como a boa filosofia faz. É o melhor dos dois gêneros, somos capacitados a pensar sobre assuntos complexos e incentivados a uma liberdade frente às ideias prontas e às vezes aprisionantes.

Além disso, esse estilo de ciência social que não pretende dar soluções totais para o mundo, e sim informar e ampliar a capacidade de olhar para o mundo, parece encaixar-se melhor no papel que vejo como benéfico para a ciência: auxiliar os verdadeiros tomadores de decisão sobre as possibilidades de ação. Nas nossas

sociedades democráticas de mercado esse papel decisório é dos agentes políticos, dos políticos profissionais eleitos. E não dos cientistas. O papel desses últimos deveria ser o de auxiliar com técnica e investigação aos desígnios propriamente políticos das escolhas públicas tomadas pelos primeiros. Sempre há o risco de que o melhor dos mundos pretendido pelo cientista, em sua teoria, seja o melhor dos mundos para ele mesmo, e não o da sua comunidade. Aquele mundo em que suas pretensões são correspondidas e sua vaidade recompensada. E no próprio ato de propor as soluções absolutas, muitos desses propósitos egocêntricos são satisfeitos à custa de uma compreensão mais rica da realidade. Seria humano esperar esse comportamento, e o método científico deveria amenizar e tentar neutralizar, dentro do possível, esses impulsos. Jamais inflama-los com pretensões descabidas de revolução total e salvação via ciência, uma secularização mal compreendida da Salvação cristã cada vez mais comum entre progressistas. O distanciamento é fundamental nas ciências sociais do tipo que pretende compreender.

O anti-dogmatismo da obra também tem um papel enriquecedor. O caráter heterodoxo de Hirschman precisa ser entendido como uma propensão crítica a qualquer dogmatismo. Qualquer ortodoxia está na alça de mira: à direita e à esquerda. Em artigo intitulado *Sobre a economia política do desenvolvimento latino-americano* ele escreve sobre o duplo ataque contra o impulso de industrialização: “Por parte da esquerda latino-americana, a industrialização foi criticada por ser ‘desintegrada’ ou ‘truncada’, pela crescente ‘dependência’ ou por atender (com seus produtos) primordialmente as classes alta e média”. Do outro lado “o *establishment* neoclássico internacional censurou o desenvolvimento industrial ‘voltado para dentro’ por acarretar má alocação de recursos, problemas no balanço de pagamentos e *rent-seeking*”.<sup>48</sup> Apesar de concordar que haviam verdades em ambos os ataques, Hirschman conclui que o debate público carregado demais por ideologia da época não permitia admitir a hipótese de que aqueles problemas eram “dores do crescimento”, e que poderiam ser sanadas no devido tempo com alguma competência incremental. Essa ideia de competência incremental, de ganho marginal, de atenção aos detalhes também emana no pensamento de Hirschman. Algo como um reformador atento e pronto a ouvir que se contrapõe à fé positivista do especialista de gabinete.

---

<sup>48</sup> Hirschman, Albert. *Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque*. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p.186.

Outro exemplo de cuidado com o objeto e proximidade do pesquisador com os temas abordados, pode ser demonstrado na correspondência de Hirschman com Celso Furtado. Ao escrever um artigo sobre o Brasil, ele manda uma carta à Furtado buscando documentos específicos com dados primários do governo brasileiro para embasá-lo<sup>49</sup>. Nessas cartas pode-se ver uma sofisticada relação intelectual, onde cada autor se propõe auxiliar o outro na publicação de seus textos para os seus respectivos públicos locais. Aconselhando em qual revista seria mais plausível e sobre quais tendências existiam nessas comunidades acadêmicas. Esse vínculo com diversas facetas mostra, entre convites de visita mútua, uma amizade proveitosa para o discernimento qualificado do quadro internacional que os ajudava na produção e na divulgação científica. Em outro artigo de Hirschman, *Os conflitos sociais como pilares das sociedades de mercado democráticas*, ele utiliza um conceito que aponta para uma forma benéfica de lidar com conflitos sociais e que suponho poder ser estendido no propósito de entender o autor: a palavra alemã *hegen*, que ele traduz como “cuidar com carinho”<sup>50</sup>. Sua obra, suas relações pessoais e laborais, além de suas atuações políticas, carregam esse tipo de cuidado.

Noutra carta dessa mesma correspondência vemos aquela que me parece ser a melhor característica desse autor, seu ímpeto contra as formas ideológicas de interpretação e ação política. Em carta de 26 de maio de 1964, escrevendo dias após ao golpe militar no Brasil, Hirschman, que é evidentemente um autor que compõe às fileiras progressistas, é capaz de fazer uma crítica mordaz aos setores de esquerda marcados pelo dogmatismo, pela intransigência e pela soberba:

Precisamos de uma análise do que deu errado, quando e por quê. Por que as forças da extrema esquerda na América Latina são tão perdidamente dogmáticas? Por que elas se tornam tão facilmente, e tão depressa, super confiantes depois dos primeiros sucessos, pensando que podem tratar qualquer pessoa como um bloco reacionário e irremediavelmente equivocado? Por que são tão incapazes de analisar ou perceber as verdadeiras relações de poder? Por que se tornam mais irresponsáveis quando conquistam um pedaço de poder, em vez de ficarem menos, como em geral seria de esperar? Por que se comportam tão provocativamente em relação a seus inimigos enquanto dificilmente tomam alguma medida

---

<sup>49</sup> Furtado, Celso. Celso Furtado: Correspondência Intelectual: 1949-2004; seleção, introdução e notas Rosa Freire d’Aguiar; pós-fácio Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Companhia das letras. 2021, p.258.

<sup>50</sup> Hirschman, Albert. Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque. São Paulo: Companhia das letras. 1996, p. 268.

destinada a reduzir sua base de poder real? Porque são tão corruptíveis como você mesmo apontou (como Furtado apontou)?<sup>51</sup>

A coragem e sinceridade desse tipo de crítica àqueles que disputam o poder, e àqueles que, tendo o poder, abusaram dele, feita na hora mais quente e de forma tão aguda, poderia ser emulada por todos os analistas políticos em benefício do público. E a resistência a entrar no ciclo de decadência moral imposta pelo adversário também é algo louvável. Numa disputa de dogmáticos, não é porque um lado rebaixou a moral que se deve filiar ao lado contrário automática e irrefletidamente, ou pelo menos esse não deve ser o papel do cientista. Compreende-se que os políticos sejam mais ou menos obrigados a isso. O que não se justifica é que os cientistas ou intelectuais se tornem orgânicos, homens de Partido, ou seja, não cientistas e não intelectuais. Trata-se de um caminho perverso, com previsíveis chances de o tiro sair pela culatra.

---

<sup>51</sup> Furtado, Celso. Celso Furtado: Correspondência Intelectual: 1949-2004; seleção, introdução e notas Rosa Freire d'Aguiar; pós-fácio Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Companhia das letras. 2021, p.263.

## REFERÊNCIAS

ATTALI, Jacques. **Os judeus, o dinheiro e o mundo**. São Paulo: Futura, 2003.

BIANCHI, Ana Maria. **Albert Hirschman na América Latina e sua trilogia sobre desenvolvimento econômico**. Economia e Sociedade, Campinas, v. 16, n. 2 (30).

Furtado, Celso. **Celso Furtado: Correspondência Intelectual: 1949-2004**. Seleção, introdução e notas Rosa Freire d'Águiar; pós-fácio Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Companhia das Letras. 2021.

GEERTZ, Clifford. **School Building: A Retrospective Preface. Schools of Thought: Twenty-Five Years of Interpretive Social Science**. Princeton University Press, 2001.

LEPENIES, Philipp. **Possibilism: An Approach to Problem-Solving Derived from the Life and Work of Albert O. Hirschman**. Development and Change, vol. 39, no 3, Institute of Social Studies, 2008.

HIRSCHMAN, Albert. **Auto-Subversão: Teorias consagradas em xeque**. São Paulo: Editora Schwarcz. 1996.

\_\_\_\_\_. **A moral secreta do economista**. São Paulo: Fundação editora da Unesp. 1997.

\_\_\_\_\_. **Saída, voz e lealdade: Reações ao declínio de firmas, organizações e estados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. **A economia como ciência moral e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. **Estratégia do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

\_\_\_\_\_. **A Bias for Hope**. New Haven and London: Yale University Press. 1971.

\_\_\_\_\_. **As paixões e os interesses**. Rio de Janeiro: Record. 2002.

MONTAIGNE, Michel. **Ensaio**. São Paulo: Editora 34, 2016.

TOLSTOI, Leon. **Guerra e paz**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1983.